

Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



A ÉTICA DO CUIDADO COMO VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO DISCURSO MACHISTA DE MICHEL TEMER

The Ethics of Care as Gender Violence in Michel Temer's male chauvinist discourse

Rita de Araujo Neves

Helena de Araujo Neves

Cátia Simone Ribeiro Barcellos

Resumo

A presente pesquisa, com abordagem qualitativa, utiliza a perspectiva dos Estudos Culturais (EC) e do feminismo problematizando imagens e discursos divulgados nas mídias sociais quando das comemorações alusivas ao dia internacional da mulher, especialmente aquele manifestado por Michel Temer. Adotou-se os preceitos teóricos de Carol Gilligan relativos à ética do cuidado na perspectiva feminista, Stuart Hall, quanto às concepções dos EC, notadamente no que toca à representação da mulher e Heleieth Saffioti sobre a violência de gênero. A partir da ética do cuidado compreendemos como o discurso machista se apropria dessa lógica para impor e limitar as mulheres, mesmo em pleno século XXI, ao lugar de "belas, recatadas e do lar". Metodologicamente, através da etnografia digital mapeamos algumas publicações nas mídias sociais de interesse à pesquisa. Por fim, concluímos que há violência de gênero na ética do cuidado, histórica e socialmente imposta às mulheres.

Palavras-chave: Violência de Gênero. Ética do Cuidado. Feminismo.

Abstract

The present research, with a qualitative approach, uses the perspective of Cultural Studies (EC) and feminism problematizing images and discourses divulged in the social media when the celebrations allusive to the international women's day, especially that manifested by Michel Temer. Carol Gilligan's theoretical precepts on care ethics in the feminist perspective, Stuart Hall, were adopted on the conceptions of CS, notably on the representation of women and Heleieth Saffioti on gender violence. From the ethics of care we understand how the macho discourse appropriates this logic to impose and limit women, even in the XXI century, to the place of "beautiful, modest and the home." Methodologically, through digital ethnography we mapped some publications in social media of interest to research. Finally,

we conclude that there is gender violence in the care ethic, historically and socially imposed on women.

Keywords: Gender Violence. Ethics of Care. Feminism.

Considerações Iniciais

Trata-se de ensaio teórico a partir das/dos autoras/es Carol Gilligan¹, Heleieth Saffioti² e Stuart Hall³, cujo objetivo é compreender os principais conceitos tratados nessas/es teóricas/os de referência, ensejando trazer contribuições às nossas pesquisas em desenvolvimento na busca de alternativas para pensarmos estratégias de resistência à violência de gênero contra as mulheres.

Visamos, especialmente, neste texto, apresentar e discutir o conceito de *ética do cuidado* constante da obra “*Uma voz Diferente: Psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta*”, de Carol Gilligan⁴, evidenciando a violência de gênero praticada no discurso machista de Michel Temer, manifestado em 08 de março de 2017, no qual há um reconhecimento desta ética como atributo exclusivo das mulheres.

O que nos provocou à escrita deste ensaio textual, a partir da leitura e reflexão crítica da obra antes mencionada, foi o conteúdo desse discurso em alusão às comemorações pelo dia internacional da mulher, no qual seu autor associa, deliberadamente, a *ética do cuidado* como um predicado exclusivo feminino e, assim o fazendo, firma, de forma categórica, o marco de violência de gênero estabelecido pelo patriarcado e que reduz as mulheres a papéis específicos no contexto histórico, social e cultural, bem como as vincula a padrões comportamentais biologicamente estabelecidos.

Metodologicamente, trata-se de um estudo teórico de caráter qualitativo, desenvolvido no ambiente natural, descritivo e realizador de análise indutiva dos dados, pelo método hermenêutico, através da pesquisa bibliográfica do referencial teórico eleito

¹ GILLIGAN, Carol. *In a different voice*. Harvard, HUP, 1982; _____. *Uma voz diferente; psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, [s.d.].

² SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015; _____. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, no. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a07.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2016.

³ HALL, Stuart. The work of representation. In: _____. (Org.). *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: Thousand Oaks; New Delhi: Sage/Open University, p. 2-73, 1997a; _____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, vol. 22, no. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997b.

⁴ GILLIGAN, 1982; _____, [s.d.].

para sustentá-lo. Frisamos que nossa pesquisa não cria, necessariamente, generalização, mas contribui para a linha teórica que a embasa, produzindo alguns conceitos que são úteis para situações semelhantes às aquelas analisadas e não para toda e qualquer ocorrência daquela espécie, como ensina Maria Cecília de Souza Minayo⁵.

Visando a atender a demanda deste estudo, analisamos uma amostra intencional⁶, através da Etnografia Digital⁷, acessando ao texto do discurso de Michel Temer no ciberespaço, sítio do Palácio do Planalto, porque relevante para a discussão que propomos.

Na sequência do desenvolvimento desta investigação apresentamos as principais categorias teóricas da autora de referência⁸, usadas para analisar o discurso destacado.

Por fim, entendemos que refletir sobre os conceitos teóricos apresentados por Gilligan⁹ faz-nos acreditar que sempre há espaço para a subversão nas *vozes diferentes* das mulheres, inclusive através de pesquisas acadêmicas feitas por mulheres que, como a nossa, – ressaltada a singeleza da presente investigação – permitem, propõe e destacam a discussão sobre formas sub-reptícias de violência de gênero, como a apresentada no discurso que problematizamos neste artigo.

Do aporte teórico adotado na nossa análise

Preliminarmente, cumpre dizermos que no tocante ao campo teórico dos Estudos Culturais (EC), sendo o nosso principal referencial Stuart Hall¹⁰, neste artigo deixamos de abordar os estudos sobre representação trazidos por este autor, os quais vamos adotar numa fase subsequente desta pesquisa a fim de analisar as imagens divulgadas no *ciberespaço*, por ocasião da publicação das notícias acerca do discurso de Michel Temer, visando, justamente, a compreender a representação de mulher “*bela, recatada e do lar*”¹¹, como aquela detentora exclusiva da ética do cuidado.

⁵ MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 12 ed. Petrópolis: Vozes, (Coleção Temas Sociais), 1999.

⁶ GIL, Antonio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

⁷ DOMÍNGUEZ, Daniel *et al.* Etnografia virtual. *Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research*, 8 (3), 2007. Disponível em: <<http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs0703E19>>. Acesso em: 23 out. 2016.

⁸ GILLIGAN, [s.d.].

⁹ GILLIGAN, [s.d.]; _____, 1982.

¹⁰ HALL, 1997a; _____, 1997b.

¹¹ Referência à expressão usada pela matéria de capa da revista *Veja*, edição de 18 de abril de 2016, ao referir-se a então pretensa primeira dama, Marcela Temer, considerada modelo ideal de mulher e do feminino como esposa dedicada e submissa, além de devotada às atividades domésticas no âmbito privado. A

Nesse sentido, frisamos, ainda, que embora sem rigidez as pesquisas que adotam os EC, de regra, dividem-se em duas correntes metodológicas: a etnografia e as análises discursivas ou textuais – o que compreende, portando, o escopo de nosso estudo e seus desenvolvimentos futuros.

Adiante, na intenção de apresentar sucintamente o aporte teórico efetivamente adotado neste texto para atender aos objetivos que propomos para esta escrita, destacamos que as reflexões provocadas a partir da obra antes referida, entre outras, deram-se em torno da temática referente à *ética do cuidado*, assim entendida por Gilligan¹² como uma *voz diferente* atribuída, no modelo patriarcal, com exclusividade às mulheres.

Porém, para essa autora, a *ética do cuidado* como uma orientação moral não é um modelo de ética feminina, mas sim feminista, pois a estudiosa reconhece nas mulheres a existência dessa *voz diferente* daquela moralidade até então padronizada pelos teóricos como humana, mas que historicamente apenas considerou o desenvolvimento moral dos homens.

De acordo com ela, o comportamento masculino sempre foi compreendido como a norma, o padrão, em contrapartida ao comportamento feminino que sempre foi o desviante. “Assim, quando as mulheres não se ajustam aos padrões da expectativa psicológica, as conclusões têm sido, em geral, que alguma coisa está errada com as mulheres.”¹³

Logo, essa pesquisadora vai definir a categoria teórica da *ética do cuidado*, exatamente quando passa a considerar em seu estudo pioneiro o desenvolvimento moral nas mulheres e evidencia que há outro modo de pensar os problemas morais humanos, mas que até então fora excluído dos estudos sobre o desenvolvimento moral e das teorias éticas.

Segundo ela:

A voz diferente que eu defino caracteriza-se não pelo gênero, mas pelo tema. Sua associação com as mulheres é uma observação empírica, e é sobretudo através das vozes das mulheres que eu traço o seu desenvolvimento. Mas essa associação não é absoluta, e os contrastes entre as vozes femininas e masculinas são apresentados aqui para aclarar uma distinção entre dois modos de pensar e focalizar um problema de interpretação mais do que representar uma generalização sobre

exemplo, destacamos a aludida matéria veiculada na revista *Veja*: LINHARES, Juliana. *Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”*. *Veja*, 18 abr. 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

¹² GILLIGAN, s.d.; GILLIGAN, 1982.

¹³ GILLIGAN, s.d., p. 24, grifo nosso.

ambos os sexos. Ao traçar o desenvolvimento, indico a interação dessas vozes dentro de cada sexo e sugiro que a sua convergência assinala épocas de crise e mudança¹⁴.

Todavia, no seu entendimento, essa *voz diferente* e feminina relacionada à *ética do cuidado* só é, de fato, diferente quando produzida em meio a um modelo patriarcal de sociedade, que é o nosso, pois numa sociedade não patriarcal essa *ética do cuidado* seria tão somente uma ética humana, estabelecida a partir de sentimentos morais e da habilidade humana para cuidar de forma responsável dos outros, considerando que o cuidado poderá ser desenvolvido por todos os sujeitos morais, independentemente dos seus gêneros¹⁵.

Nessa senda, cabe dizer que compreendemos o feminismo como uma teoria política e múltipla e, inclusive, hodiernamente, nos referimos a diversos feminismos e não mais a uma única vertente ou expressão dele. Ainda, sabido que há diversas formas de discutir a própria teoria dentro das várias correntes feministas. Porém, há um ponto comum a todas essas diferentes vertentes teóricas: o feminismo deve contribuir para eliminar a subordinação feminina.

A grande questão que emerge, todavia, é: como fazemos isto?

Afinal, as múltiplas formas possíveis de superar essa subordinação estão intrinsecamente relacionadas propriamente ao que vamos compreender como subordinação feminina.

Importante lembrarmos, ainda, que a discussão sobre público e privado também não é consenso na teoria feminista e suas tantas vertentes.

Do texto “*O Feminismo*”¹⁶, restou-nos evidenciado que o cerne da discussão está na família, porque se entende que ela ainda é imune à intervenção estatal, embora seja ela a escola da moralidade e o lugar de desrespeito ao gênero e às diferentes sexualidades, lugar onde o Estado não entra para garantir o respeito às individualidades e desigualdades.

Portanto, dentro desses núcleos familiares ainda persiste a violência simbólica contra as mulheres, sendo necessária uma política de autonomia, mas não de igualdade, porque o próprio conceito de igualdade que temos hoje só tem servido para permitir que as mulheres cheguem onde os homens já estão, considerando que todo o padrão de igualdade que temos também é masculino.

¹⁴ GILLIGAN, [s.d.], p. 12.

¹⁵ GILLIGAN, [s.d.]. (Grifos nossos)

¹⁶ KYMLICKA, Will. O Feminismo. In: _____. *Filosofia política contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 303-373.

Assim, refletimos que é preciso pensar o feminismo como um movimento em processo, pois começou como uma luta, no liberalismo, pelo direito ao voto e à participação política das mulheres, mas, a partir dos anos 1960 nos USA, surge uma política que defendia que o Estado em nome da proteção à privacidade não poderia interferir nas famílias e no âmbito privado.

Em oposição a essa lógica, as feministas de então vão afirmar que “o pessoal é político” e que o Estado deveria intervir nas famílias, sim, para garantir as liberdades individuais e coibir a política de preservação e manutenção das mulheres como polo oprimido nas diversas relações que estabelecem.

Para o mesmo autor¹⁷, a ética do cuidado não é aplicada ao mundo público, mas apenas à seara privada, ao âmbito da família e às mulheres. Ocorre, como já destacamos antes, que a família nem sempre é uma instituição justa. Porém, entendemos que essa ética do cuidado se propõe a ser a ética de toda a coletividade e não apenas das mulheres, devendo, inclusive, ser pública e não mais privada e relacionada à inferioridade feminina.

Quem, primeiramente, vai trazer essa problematização é a teoria feminista, pois a teoria da justiça não considera as individualidades de gênero, mas protege apenas àquele “homem médio”, como um indivíduo neutro que, bem sabemos, não existe!

O autor¹⁸ também vai tratar dos diferentes tipos de responsabilidade, da autonomia e vai destacar que o cuidado com o outro precisa ter limites, além de ser possível delegar a responsabilidade para com os outros a outros indivíduos e inclusive ao Estado.

Adentrando propriamente ao texto de Gilligan¹⁹ compreendemos que essa autora traz uma série de contribuições importantes e conceitos que ajudam a pensar acerca dos fenômenos que envolvem nossas pesquisas, como já dissemos anteriormente.

Inicialmente, a estudiosa ressalta que a preocupação das mulheres com os outros é sempre associada à fraqueza e que o lugar das mulheres é proteger a forma como os homens e as próprias mulheres se constroem perante a sociedade, estabelecendo essa moral, esse parâmetro, criando a moralidade dos direitos e relacionamentos.

Nesse sentido:

¹⁷ KYMLICKA, 2006.

¹⁸ KYMLICKA, 2006.

¹⁹ GILLIGAN, [s.d.].

[...] as mulheres não apenas se definem num contexto de relacionamento humano, mas também se julgam em termos da sua capacidade de cuidar. O lugar das mulheres na vida dos homens tem sido aquele de alimentadora, cuidadora, e companheira, a tecelã daquelas redes de relacionamentos nas quais ela por sua vez confia. Mas enquanto as mulheres têm assim cuidado dos homens, os homens têm, em suas teorias do desenvolvimento psicológico, assim como nos seus arranjos econômicos, tendido a presumir ou desvalorizar aquele cuidado²⁰.

Entendemos que a autora desenhou em seu texto, a partir dos resultados das análises da pesquisa por ela desenvolvida, a imagem de que a mulher nunca se vê como o sujeito central da sua própria vida. Dessa forma, em seu estudo, a pesquisadora categoriza os pensamentos e as formas de construção do pensamento moral das mulheres através da lógica das próprias mulheres.

Segundo ela, a sociedade apregoa que as mulheres têm direito à escolha, mas o exercício desta escolha é julgado e maldado por padrões machistas socialmente construídos, que impõem à mulher o lugar de sujeito egoísta e mau quando ela se coloca em primeiro plano nas suas decisões. Para Gilligan, “na medida em que as mulheres se veem como não tendo opção alguma, elas correspondentemente se escusam da responsabilidade que a decisão acarreta.”²¹

Assim, a estudiosa escolheu propositadamente o dilema da decisão feminina sobre o aborto, fenômeno que atinge de forma exclusiva e direta às mulheres, para investigar e compreender como as mulheres resolvem esse dilema moral.

Metodologicamente, ela adota a passagem temporal para entrevistar as mulheres submetidas ao aborto, a fim de comparar suas respostas, usando as mesmas perguntas e percebendo que há um marco nos seus achados: a crise moral dessas mulheres se estabelece na mesma época em que nasceriam seus bebês, acaso não houvessem sido abortados.

Para a pesquisadora:

[...] as três perspectivas reveladas pela decisão do aborto denotam uma sequência no desenvolvimento da ética do cuidado [...] um foco inicial no cuidado de si mesmo a fim de assegurar a sobrevivência é seguido de uma fase transitória na qual esse julgamento é criticado como egoísta. Essa crítica assinala um novo entendimento da conexão entre o eu e os outros a qual é articulada pelo conceito de responsabilidade [...] Assim, um entendimento da psicologia dos relacionamentos humanos progressivamente mais adequado – uma diferenciação cada vez maior do eu e do outro e uma compreensão crescente da dinâmica da

²⁰ GILLIGAN, [s.d.], p. 27.

²¹ GILLIGAN, [s.d.], p. 78.

interação social – dá corpo ao desenvolvimento de uma ética do cuidado. Essa ética, que reflete um conhecimento cumulativo dos relacionamentos humanos, progride em torno de uma visão central, de que o eu e o outro são interdependentes²².

O evento aborto foi apenas o marco ou exemplo que a estudiosa adotou para estudar o modo de as mulheres resolverem seus dilemas morais. Poderia ela ter usado outro fato como, por exemplo, o trabalho doméstico, ainda atribuído e/ou entendido como uma responsabilidade quase de exclusividade feminina.

Uma das conclusões da pesquisadora, a partir de sua investigação, é o fato de que pela ética da responsabilidade as mulheres não se sentem, de fato, titulares dos direitos pelos quais tanto lutaram, a exemplo do aborto. Para ela, a dificuldade das mulheres está em compreender que liberdade individual não é sinônimo de egoísmo, nem tampouco incompatível com moralidade. Porém, essa anulação do eu nas mulheres é treinada e ensinada pela escola, onde elas aprendem a prática do autossacrifício²³.

Assim, a autora defende que é preciso que as mulheres reforcem o cuidado de si para dissociar esse pensamento da lógica egoísta e questiona se às mulheres seria possível responsabilizarem-se por si mesmas e pelos outros, simultaneamente. Ela mesma responde à indagação afirmando que sim, desde que isso seja feito através da verdade-honestidade. De forma que se desenvolva uma moralidade baseada nas intenções e consequências, sendo as mulheres honestas consigo mesmas.

Para ela, há a responsabilidade do cuidado consigo e com o outro e quando essa ideia se desenvolve nos indivíduos, independentemente do gênero, esses atingem a maturidade.

Todavia, a concepção moral feminina, manifestada pelas mulheres ao resolverem seus dilemas morais privilegiando a *ética do cuidado*, ainda é diferente da concepção masculina.

Por essa razão, os homens são afetivamente pobres, pois não cabe a eles serem amigos das mulheres, nem terem cuidado com essas ou com os outros homens, pois diante de outros homens passariam a ser vistos como fracos, não viris e/ou homossexuais, tendo

²² GILLIGAN, [s.d.], p. 84.

²³ GILLIGAN, [s.d.].

em vista, por exemplo, a não manutenção de relação sexual com aquela mulher com quem mantém laços de amizade²⁴.

Segundo Gilligan²⁵, a experiência das mulheres é muito importante para que possamos compreender o desenvolvimento humano e a vida adulta, pois o desenvolvimento das mulheres garante uma vida social menos violenta e caracterizada pelas inter-relações e pelo cuidado.

Por fim, ela questiona qual seria a perspectiva social futura se passássemos a considerar o processo de desenvolvimento das mulheres e suas experiências e defende que é preciso existir outra ética de justiça e que considere as diferenças entre homens e mulheres.

Embora todas as questões complexas e categorias teóricas que Carol Gilligan²⁶ apresenta em seu texto, notadamente a da *ética do cuidado*, acreditamos que essa pesquisadora traz uma utopia positiva, pois nos faz pensar que por mais que as vozes femininas ainda sejam *vozes diferentes* e destoantes na nossa sociedade patriarcal e, conseqüentemente, nos nossos espaços educacionais, essas mesmas vozes representam resistência à violência de gênero sofrida pelas mulheres nos mais diversos contextos. É justamente isso que nos faz escrever este artigo – avaliando a violência impetrada às mulheres pelo homem de maior grau político brasileiro, como abordaremos a seguir.

Do Discurso Machista de Michel Temer no dia 08 de março de 2017

Inicialmente, a fim de introduzir a análise dos trechos do discurso²⁷ manifestado no dia 08 de março de 2017 por Michel Temer, Presidente da República Federativa do Brasil, compreendemos necessária uma breve referência, embora a complexidade que envolve esse termo, do que entendemos e assumimos como patriarcado nesta escrita.

Partimos da teorização de Pateman²⁸, segundo quem:

²⁴ GILLIGAN, [s.d.].

²⁵ GILLIGAN, [s.d.].

²⁶ GILLIGAN, [s.d.]; _____, 1982.

²⁷ PALÁCIO DO PLANALTO. *Discurso do Presidente da República, Michel Temer, durante Cerimônia de Comemoração pelo Dia Internacional da Mulher*. Brasília: 08 mar. 2017. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-planalto/discursos/discursos-do-presidente-da-republica/discurso-do-presidente-da-republica-michel-temer-durante-cerimonia-de-comemoracao-pelo-dia-internacional-da-mulher-brasilia-df>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

²⁸ PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Tradução: Marta Avancini, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. Disponível em: <<https://aprender.ead.unb.br/mod/resource/view.php?id=1255>> Acesso em: 05 set. 2017.

[...] hoje, invariavelmente, apenas metade da história é contada. Ouvimos muito sobre o contrato social, mas se mantém um silêncio profundo sobre o contrato *sexual*. O contrato original é um pacto sexual-social, mas a história do contrato sexual tem sido sufocada. As versões tradicionais da teoria do contrato social não examinam toda a história e os teóricos contemporâneos do contrato não dão nenhuma indicação de que metade do acordo está faltando. A história do contrato sexual também trata da gênese do direito político e explica por que o exercício deste direito é legitimado; porém, essa história trata do direito político enquanto *direito patriarcal* em instância do sexual – o poder que os homens exercem sobre as mulheres. A metade perdida da história conta como uma forma caracteristicamente moderna de patriarcado se estabelece. A nova sociedade civil criada através do contrato original é uma sociedade patriarcal²⁹.

Portanto, a partir desses pressupostos é que passamos a considerar que nossa sociedade atual ainda adota o modelo do patriarcado, segundo o qual as mulheres continuam sendo subjugadas aos homens nas mais distintas relações sociais estabelecidas entre os dois gêneros, masculino e feminino, seja essa relação de natureza sexual ou não, a exemplo das relações no mercado de trabalho.

Adiante, a mesma autora antes mencionada, leciona que:

A dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas estão em questão na formulação do pacto original. O contrato social é uma história de liberdade; o contrato sexual é uma história de sujeição. O contrato original cria ambas, a liberdade e a dominação. A liberdade do homem e a sujeição da mulher derivam do contrato original e o sentido da liberdade civil não pode ser compreendido sem a metade perdida da história, que revela como o direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é criado pelo contrato. A liberdade civil não é universal – é um atributo masculino e depende do direito patriarcal. Os filhos subvertem o regime paterno não apenas para conquistar sua liberdade, mas também para assegurar as mulheres para si próprios. Seu sucesso nesse empreendimento é narrado na história do contrato sexual. O pacto original é tanto um contrato sexual quanto social: é social no sentido de patriarcal – isto é, o contrato cria o direito político dos homens sobre as mulheres –, e também sexual no sentido do estabelecimento de um acesso sistemático dos homens ao corpo das mulheres. O contrato original cria o que chamarei, seguindo Adrienne Rich, de ‘lei do direito sexual masculino’. O contrato está longe de se contrapor ao patriarcado: ele é o meio pelo qual se constitui o patriarcado moderno³⁰.

Nessa mesma linha de desdobramento lógico das ideias, Saffioti³¹ vai afirmar que:

[...] Pateman mostra o caráter masculino do contrato original, ou seja, é um contrato entre homens, cujo objeto são as mulheres. A diferença sexual é convertida em diferença política, passando a se exprimir ou em liberdade ou em sujeição. Sendo o patriarcado uma forma de expressão do poder político, esta abordagem vai ao encontro da máxima legada pelo feminismo radical: “o pessoal é político”. Entre outras alegações, a polissemia do conceito de patriarcado, aliás,

²⁹ PATEMAN, 1993, p. 15.

³⁰ PATEMAN, 1993, p. 16.

³¹ SAFFIOTI, 2015.

existente ainda com mais força no de gênero, constitui um argumento contra seu uso.³²

Para essa autora³³, todavia, não se deve abandonar o uso do conceito de patriarcado, embora quanto mais avance a teoria feminista, maiores serão as probabilidades de que suas formuladoras se libertem das categorias patriarcais de pensamento e na medida em que mais se distanciem desse esquema patriarcal de pensamento, melhores serão suas teorias feministas. Porém, para ela, deixar de usar o termo patriarcado é perigoso, pois justamente reforçaria uma das suas máximas ideológicas: a de que a exploração-dominação dos homens às mulheres é natural.

Somado a todos esses aspectos teóricos que destacamos anteriormente e até aqui, adotamos, também, os ensinamentos dessa mesma autora, Saffioti³⁴, no tangente à sua compreensão sobre violência de gênero como aquela impetrada pelo patriarcado a todas as categorias a ele subjugadas e para quem:

[...] é o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio. Ainda que não haja nenhuma tentativa, por parte das vítimas potenciais, de trilhar caminhos diversos do prescrito pelas normas sociais, a execução do projeto de dominação-exploração da categoria social **homens** exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência³⁵.

Assim, foi a partir dessa concepção teórica que nos pareceu evidenciada a violência de gênero, naquele discurso, ora discutido, o qual ironicamente foi feito em alusão à comemoração do dia internacional da mulher.

Nesse diapasão e com a finalidade de atender à demanda deste texto, recortamos alguns trechos do citado discurso nos quais compreendemos seu autor fez uso da *ética do cuidado* como forma de violência de gênero às mulheres.

Vejamos:

[...] digo isso com a maior tranquilidade, porque eu tenho absoluta convicção, até por formação familiar e por estar ao lado da Marcela, **o quanto a mulher faz pela casa, o quanto faz pelo lar, o que faz pelos filhos**. [...] se a sociedade de alguma maneira vai bem, quando os filhos crescem, é porque tiveram uma adequada educação e formação em suas casas. E **seguramente isso quem faz não é o**

³² SAFFIOTI, 2015, p. 57.

³³ SAFFIOTI, 2015.

³⁴ SAFFIOTI, 2001.

³⁵ SAFFIOTI, 2001, p. 115.

homem, isso quem faz é a mulher. E hoje, como as mulheres participam em intensidade de todos os debates, eu vou até tomar a liberdade de dizer que **na economia também, a mulher tem uma grande participação. Ninguém mais é capaz de indicar os desajustes, por exemplo, de preços em supermercados do que a mulher.** Ninguém é capaz de melhor detectar as eventuais flutuações econômicas do que a mulher, pelo orçamento doméstico maior ou menor. [...] E significa também que a mulher, além de cuidar dos afazeres domésticos, vai vendo um campo cada vez mais largo para o emprego. Porque **hoje homens e mulheres são igualmente empregados. Com algumas restrições ainda. Mas a gente vê em muitas reportagens, das mais variadas, como a mulher hoje ocupa um espaço executivo de grande relevância**³⁶.

No primeiro trecho destacado, quando o Sr. Presidente da república afirma saber o *“quanto a mulher faz pela casa, o quanto faz pelo lar, o que faz pelos filhos”*, embora pudesse ter querido fazer parecer na sua fala um tom de admiração às mulheres, no nosso entendimento resta evidenciado que este não só está ciente desse fato, do quanto as mulheres fazem pelas atividades domésticas e relativas aos cuidados com os filhos, como, especialmente, que ele sabe que os homens, pelo contrário e em sua maioria, não agem dessa mesma forma, pois, grande parte das vezes, muito pouco assumem essas tarefas domésticas e restritas ao âmbito privado e do lar.

Corroborando essa percepção, está o segundo trecho de seu discurso que gizamos, momento em que ele assevera, categoricamente, que *“se a sociedade de alguma maneira vai bem, quando os filhos crescem, é porque tiveram uma adequada educação e formação em suas casas. E seguramente isso quem faz não é o homem, isso quem faz é a mulher”*.

Portanto, não resta dúvida de que este senhor acredita ser responsabilidade exclusiva das mulheres àquela relacionada não só aos afazeres domésticos, do lar, no âmbito privado, como, especialmente, o cuidado e a educação dos filhos, estando, no seu entendimento, os homens isentos dessas mesmas responsabilidades.

Ainda, no terceiro trecho destacado de seu discurso, o orador afirma que *“na economia também, a mulher tem uma grande participação. Ninguém mais é capaz de indicar os desajustes, por exemplo, de preços em supermercados do que a mulher. Ninguém é capaz de melhor detectar as eventuais flutuações econômicas do que a mulher, pelo orçamento doméstico maior ou menor”* o que segue a mesma lógica dos dois trechos anteriores e, agora, embora tente transparecer que as mulheres teriam participação no âmbito público, na economia, se contradiz quando restringe essa participação feminina ao âmbito da

³⁶ PALÁCIO DO PLANALTO, 2017. [Grifos nossos]

economia doméstica, resumindo o papel das mulheres ao de “fiscalas” de preços em supermercados.

Por fim, no último trecho apontado, ele diz que “hoje homens e mulheres são igualmente empregados. Com algumas restrições ainda. Mas a gente vê em muitas reportagens, das mais variadas, como a mulher hoje ocupa um espaço executivo de grande relevância”. Nesse ponto, a nosso ver, parece estar a mais grave e maior das incongruências na sua fala, tendo em vista que ele ignorou, com essa afirmação, dados de estudo recente e anterior ao seu discurso, divulgados no dia 06 de março de 2017, portanto apenas dois dias antes da sua fala, por um órgão público e vinculado ao próprio governo, qual seja: o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Tal pesquisa apresentou resultado de estudo nominado *“Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça”*³⁷, ilustrando a acintosa desigualdade no Brasil entre mulheres e homens no acesso ao emprego. Não fosse isso por si só um aspecto vexatório em sua fala, o Sr. Presidente ainda achou por bem dizer que essa sua afirmação tinha como fonte “muitas reportagens, das mais variadas”, deixando transparecer a irresponsabilidade de seu discurso baseado apenas em senso comum e destoante de dados de pesquisa de um órgão público federal.

No mesmo sentido, também foram uma série de matérias jornalísticas e reportagens divulgadas on-line³⁸ e que criticaram o conteúdo de seu infeliz discurso, o qual naturalizou como atividade da mulher o trabalho doméstico, desconsiderando que esse fato, segundo a pesquisa do IPEA antes referida, fez com que no ano de 2015 as mulheres tivessem uma jornada total média semanal de trabalho de 53,6 horas, enquanto a dos homens era de 46,1 horas, portanto, fazendo com que elas trabalhassem, por semana, 7,5 horas a mais que os homens, o que as prejudica e impede avanços nas carreiras, pois competem no mercado de trabalho em desigualdade de condições aos homens. Essa desigualdade na divisão do trabalho doméstico – executado por 88% das mulheres, mas apenas por 46% dos homens – prejudica e/ou impede a ascensão profissional feminina e

³⁷ IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Estudo mostra desigualdades de gênero e raça em 20 anos*. 06 mar. 2017. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29526>. Acesso em: 04 set. 2017.

³⁸ Apenas exemplificando, destaque: CASTRO, Grasielle. *Os equívocos sobre o papel da mulher no discurso de Michel Temer*. 08 mar. 2017. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/2017/03/08/os-equivocos-sobre-o-papel-da-mulher-no-discurso-de-michel-temer_a_21876568/>. Acesso em: 09 mar. 2017.

restringe o papel do homem nos cuidados e nas atividades domésticas, o que corresponde a mais uma forma de violência de gênero contra as mulheres.

Diante do todo exposto, vimo-nos, por meio deste artigo, motivadas a denunciar esse discurso infame, retrógrado e abusivo às mulheres – para que esse tipo de manifestação não mais ocorra.

Considerações Finais

Por se tratar de estudo de revisão teórica acerca de conceitos relevantes às pesquisas desenvolvidas pelas autoras, não existem, até o momento, conclusões que possam ser apontadas definitivamente.

Todavia, a partir dos excertos do discurso que destacamos e grifamos anteriormente, entendemos que restou evidenciado o uso e/ou identificação da *ética do cuidado* apenas às mulheres na intenção de lhes definir papéis e espaços determinados na sociedade, em especial aqueles relativos ao âmbito privado, o que caracteriza violência de gênero.

O autor do discurso, não por acaso um homem, branco, sedizente heterossexual e católico e que naquele momento da fala exercia a função – embora a entendamos ilegítima – de Presidente da República, manifestou sua compreensão machista de que as mulheres são indivíduos inferiores aos homens e, assim, devem se ater aos cuidados da casa, dos filhos e demais afazeres domésticos, restando limitadas por ele, em seu discurso, a este papel.

Essa atitude, nesse discurso proferido pelo “homem médio” e que tem lugar de fala privilegiado no modelo patriarcal, além de configurar violência de gênero exatamente por reduzir as capacidades das mulheres ao âmbito doméstico e submetê-las ao papel de “*belas, recatadas e do lar*”³⁹, quando, por exemplo, atribui apenas às mulheres a responsabilidade pela criação e boa educação dos filhos, também produz, divulga, reforça e favorece a perpetuação dessa lógica perversa, pois quem profere o discurso é um homem em posição de poder e privilégio. Não sendo esse, portanto, um discurso inocente.

Logo, a partir das categorias teóricas que apresentamos e da análise do texto do discurso de Michel Temer em 08/03/2017, compreendemos que restou evidenciada a

³⁹ Vide nota 15.

violência de gênero na associação com exclusividade às mulheres da responsabilidade pelo cuidado no âmbito privado.

Derradeiramente, reforçando o que já dissemos em momento anterior, lembramos que nossa intenção é desenvolver esta pesquisa, a fim de analisar não só o texto do discurso problematizado neste artigo como também as imagens divulgadas no *ciberespaço*, por ocasião da publicação das notícias acerca do discurso de Michel Temer, visando a compreender, a partir do referencial teórico de Stuart Hall⁴⁰ a representação de mulher “*bela, recatada e do lar*”⁴¹, como aquela detentora exclusiva da ética do cuidado.

Referências

CASTRO, Grasielle. *Os equívocos sobre o papel da mulher no discurso de Michel Temer*. 08 mar. 2017. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/2017/03/08/os-equivocos-sobre-o-papel-da-mulher-no-discurso-de-michel-temer_a_21876568/>. Acesso em: 09 mar. 2017.

DOMÍNGUEZ, Daniel *et al.* Etnografia virtual. *Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research*, 8 (3), 2007. Disponível em: <<http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs0703E19>>. Acesso em: 23 out. 2016.

GIL, Antonio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GILLIGAN, Carol. *In a different voice*. Harvard, HUP, 1982.

_____. *Uma voz diferente; psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, [s.d.].

HALL, Stuart. The work of representation. In: _____. (Org.). *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: Thousand Oaks; New Delhi: Sage/Open University, p. 2-73, 1997a.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, vol. 22, no. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997b.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Estudo mostra desigualdades de gênero e raça em 20 anos*. 06 mar. 2017. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29526>. Acesso em: 04 set. 2017.

KYMLICKA, Will. O Feminismo. In: _____. *Filosofia política contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

⁴⁰ HALL, 1997a; _____, 1997b.

⁴¹ Vide nota 15.

LINHARES, Juliana. *Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”*. Veja, 18 abr. 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 12 ed. Petrópolis: Vozes, (Coleção Temas Sociais), 1999.

PALÁCIO DO PLANALTO. *Discurso do Presidente da República, Michel Temer, durante Cerimônia de Comemoração pelo Dia Internacional da Mulher*. Brasília: 08 mar. 2017. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-planalto/discursos/discursos-do-presidente-da-republica/discurso-do-presidente-da-republica-michel-temer-durante-cerimonia-de-comemoracao-pelo-dia-internacional-da-mulher-brasilia-df>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Tradução: Marta Avancini, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. Disponível em: <<https://aprender.ead.unb.br/mod/resource/view.php?id=1255>> Acesso em: 05 set. 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, no. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a07.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2016.

_____. *Gênero, patriarcado, violência*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.